

economia - Brasil

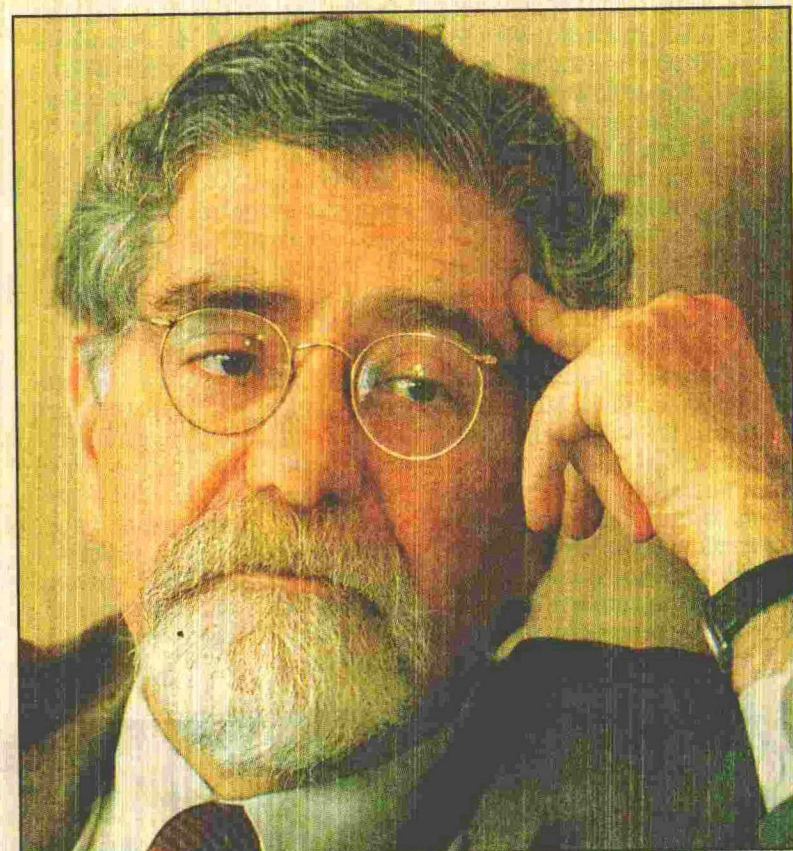
Governo propõe pacto para conter inflação

Ministro Celso Lafer veio a São Paulo pedir trégua aos representantes da indústria

ISABEL DIAS DE AGUIAR
e LU AIKO OTTA

As denúncias de que fornecedores de insumos e matérias-primas já estão cobrando preços em dólar trouxeram a São Paulo o ministro do Desenvolvimento, da Indústria e do Comércio, Celso Lafer, para uma reunião sigilosa e de emergência com representantes da indústria, no início da noite de sexta-feira. No encontro, que durou mais de três horas, o ministro pediu trégua aos empresários. "A tentativa de ganho particular pode provocar uma perda geral para o País", advertiu Lafer.

A iniciativa do ministro foi mais um passo do projeto do governo de retomar a antiga idéia do pacto social, proposta que se desgastou pelas sucessivas tentativas feitas durante o governo Sarney. O pacto antiinflação entre representantes dos diversos setores da economia e o governo já havia começado a ser articulado durante a semana passada pelo porta-voz da Presidência da República, Sérgio Amaral, que iniciou uma série de visitas a entidades de classe. Amaral esteve quarta-feira em Belo Horizonte, onde se reuniu com o presidente da Federação das Indústrias de Minas Gerais (Fiemg), Stefan Salej. O

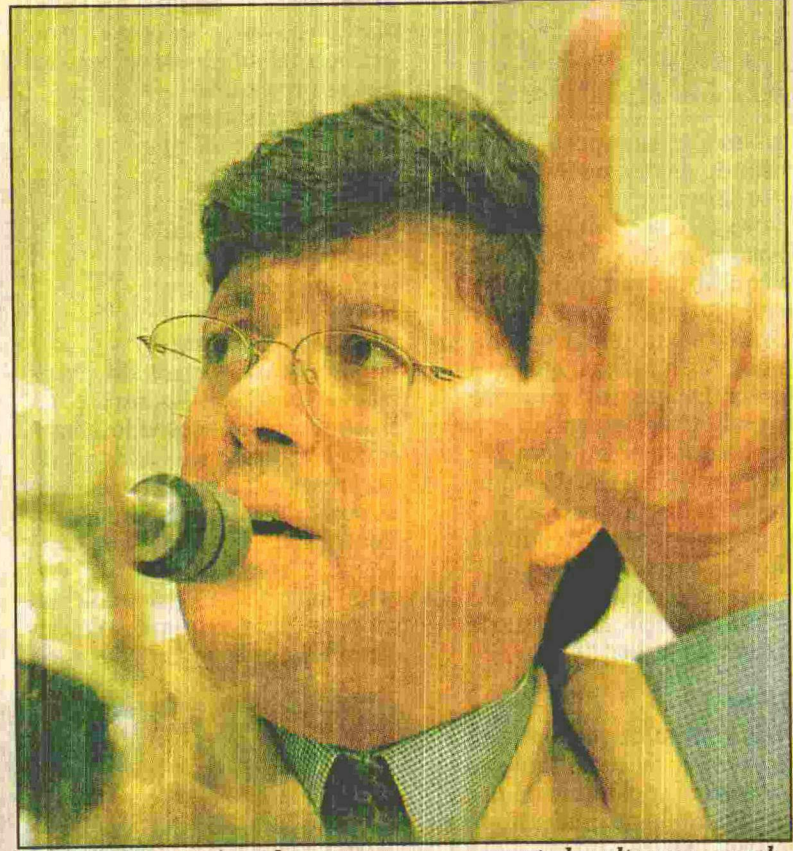


Wuilson Pedrosa/AE

Lafer: "É preciso ter tranqüilidade e esperar a normalização do mercado"

porta-voz do governo procurou a Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp) no dia seguinte, onde debateu o impacto da desvalorização do câmbio sobre o setor produtivo. O ministro do Desenvolvimento fez um apelo ainda mais enfático aos industriais paulistas. "É preciso ter tranqüilidade e aguardar a normalização dos mercados." Lafer acredita que será ne-

cessário aguardar entre três e quatro semanas até que seja possível avaliar os resultados da mudança do regime cambial. Lafer explicou a seu primo, o presidente da Fiesp, Horácio Lafer Piva, e a outras lideranças empresariais, como Eugênio Staub, da Gradiente, Benjamin Funari Neto, do setor eletroeletrônico, além de dirigentes da Fiesp, como Mario Bernardini e Claudio Vaz, que a mudança no câmbio se mostrava indispensá-



Daniel Garcia/AE

Lafer, da Fiesp: trégua de quatro semanas para tudo voltar ao normal

vel, mas implica riscos. Cria, no entanto, ambiente econômico favorável para uma posterior redução nas taxas de juros e a retomada do desenvolvimento econômico. "Os analistas enfatizam a dimensão da imprevisibilidade do mercado, uma vez que os fluxos obedecem as expectativas", disse Lafer. "É preciso aguardar até que o câmbio atinja o ponto apropriado." O ministro disse que o esforço do governo para o

ajuste fiscal deverá contribuir para reverter as expectativas. "Cabe aos empresários e ao governo trabalhar para aproximar essas expectativas da realidade do Brasil e não contribuir para ampliar a inquietação e o pânico." Segundo Lafer, o Brasil não

pode ser comparado à Ásia e muito menos à Rússia. "Os analistas econômicos trabalham com expectativas extremamente positivas para o Brasil e, por isso, não há motivo para pânico." O presidente da Fiesp concorda. "É preciso ter calma." Os empresários, segundo Piva, estão empenhados em colaborar para uma pronta solução para a atual crise. "Devemos evitar sair dolarizando os preços para impedir a perda de todas as conquistas alcançadas com o Real", disse. "A indústria representa um extraordinário ativo, que deve ser preservado." Sem cautela, existe o risco de pôr tudo a perder, afirmou Piva. Para ele, é preciso evitar o ressurgimento da memória inflacionária. Há ainda o risco de o País mergulhar num processo recessivo, com graves prejuízos para a sociedade. Piva considerou importante a visita do ministro Celso Lafer à Fiesp. "A indústria conta enfim com um interlocutor legítimo, que é o ministro do Desenvolvimento." O presidente da Fiesp considera o Ministério do Desenvolvimento um importante canal de comunicação com outros setores do governo. "A inserção da indústria no mercado competitivo depende de amplo entendimento entre o governo e a classe empresarial."

FIESP
RECONHECE
QUE É PRECISO
TER CALMA